

A ARTE DE CULTIVAR OS CAMPOS E A ARTE DE TECER OS FIOS NO SUL DE MINAS GERAIS¹

Regina Aparecida Leite de Camargo²

RESUMO

O presente trabalho lança um olhar sobre os municípios de Ouro Fino e Monte Sião, no sul de Minas Gerais, que combinam a agricultura, calcada principalmente na cultura do café, a pecuária leiteira e a hoje indústria de malharia. A produção agropecuária sul mineira ganhou impulso com a descoberta de ouro na região central do estado e a posterior instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro. Tropas de mulas cruzavam a Serra da Mantiqueira para abastecer os mercados do Rio e de São Paulo, direcionando, pela primeira vez, a produção nacional para o mercado interno. No município de Monte Sião, o tricô teve início na década de 1950 e nas últimas décadas transformou-se em principal atividade econômica. Mas tanto em Ouro Fino como em Monte Sião, o processo de urbanização ocorreu sem provocar uma ruptura completa com o passado rural. A forte presença da agricultura familiar tece uma ponte permanente entre esses espaços e cria o que pode ser denominado de uma “cultura da roça”, com a manutenção de tradições, como as muitas festas que acontecem nos bairros rurais. O presente estudo deriva de observações de campo

7

1 Artigo escrito a partir da tese de doutorado defendida pela autora junto à Faculdade de Engenharia Agrícola Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Julieta T. Aier de Oliveira.

2 Doutora em Engenharia Agrícola pela Universidade Estadual de Campinas. Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba. docente em regime RDIDP da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, parecerista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, membro da Comissão de Educação Sanitária em Defesa Agropecuária no Estado de São Paulo e colaboradora da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. E-mail: regina.camargo@unesp.br

nos últimos dez anos e da leitura de autores que se debruçaram sobre a história da região e sobre a formação do campesinato brasileiro.

Palavras-chave: Agricultura Familiar. Ruralidade. Circuito das Malhas.

THE ART OF CULTIVATING FIELDS AND THE ART OF WEAVING THREADS IN SOUTHERN MINAS GERAIS

ABSTRACT

8 The present work looks at the municipalities of Ouro Fino and Monte Sião, in the south of Minas Gerais, which combine agriculture, based mainly on coffee crops, dairy farming and the knitting industry. The agricultural production in the south of Minas Gerais gained importance with the discovery of gold in the central region of the state and the subsequent installation of the Portuguese court in Rio de Janeiro. Troops of mules crossed the Serra da Mantiqueira to supply the markets of Rio and São Paulo, directing, for the first time, the national production towards the domestic market. In the municipality of Monte Sião, knitting started in the 1950s and became its main economic activity in the last decades. However, both in Ouro Fino and Monte Sião, the urbanization process took place without causing a complete rupture with the rural past. The strong presence of family farming weaves a permanent bridge between these spaces and creates what can be called a “culture of the countryside”, with the maintenance of traditions, such as the many celebrations and fairs that take place in rural neighbourhoods. The present study derives from field observations in the last ten years and from the reading of authors who have studied the history of the region and the formation of the Brazilian peasantry.

Keyword: Family Farming. Rurality. Knitting Circuit.

EL ARTE DE CULTIVAR LOS CAMPOS Y EL ARTE DE TEJER LOS HILOS EN EL SUR DE MINAS GERAIS

RESUMEN

El presente trabajo analiza los municipios de Ouro Fino y Monte Sião, en el sur de Minas Gerais, que combinan la agricultura, basada principalmente en la cultura del café, la producción lechera y la industria del tejido. La producción agrícola del sur de Minas Gerais ganó impulso con el descubrimiento de oro en la región central del estado y la posterior instalación de la corte portuguesa en Río de Janeiro. Tropas de mulas cruzaron la Serra da Mantiqueira para abastecer los mercados de Río y São Paulo, dirigiendo, por primera vez, la producción nacional al mercado interno. En el municipio de Monte Sião, el tejido comenzó en la década de 1950 y se ha convertido en su principal actividad económica en las últimas décadas. Pero tanto en Ouro Fino como en Monte Sião, el proceso de urbanización tuvo lugar sin causar una ruptura completa con el pasado rural. La fuerte presencia de la agricultura familiar teje un puente permanente entre estos espacios y crea lo que se puede llamar una "cultura del campo", con el mantenimiento de tradiciones, como las numerosas fiestas que tienen lugar en los barrios rurales. El presente estudio deriva de observaciones de campo en los últimos diez años y de la lectura de autores que han estudiado la historia de la región y la formación del campesinado brasileño.

Palabras clave: Agricultura Familia. Ruralidad. Circuito de lo Tejido.

1 INTRODUÇÃO

A agricultura familiar brasileira apresenta uma grande diversidade fruto, em boa medida, dos diferentes processos formativos que moldaram o que Wanderley (1995, p.38) chamou de "setor bloqueado", relegado a um segundo plano frente à grande

propriedade agroexportadora. Assim, o nordestino que migrou com suas culturas de autoconsumo para o agreste ou com seus animais para o sertão, expulso pela cana-de-açúcar das terras mais férteis e do clima mais ameno da zona da mata, difere daquele camponês que já chegou na condição de colono para povoar as terras do sul, e do imigrante italiano que teve que trabalhar dobrado para juntar o capital que posteriormente lhe permitiu adquirir alguns hectares de uma falida fazenda de café.

10

As paisagens rurais refletem a história acumulada por diferentes ocupações – humanas e agrícolas, formando espaços povoados de tradições ou grandes desertos verdes, sejam cultivados ou naturais. Essa relação do meio natural com o meio antropofizado e com as especificidades socioeconômicas de cada região cria diferentes ruralidades, pontos distintos de interseção entre o rural e o urbano, o homem e a natureza. Localizados na região sul de Minas Gerais, mais especificamente na região intermediária de Pouso Alegre, os municípios de Ouro Fino e Monte Sião guardam traços em comum mais também diferenças como a maior importância da agricultura em Ouro Fino e da indústria de malharia em Monte Sião. Compartilham, no entanto, o legado da imigração italiana para a formação da população atual, os muitos bairros rurais, as festas “na roça”, e a pluriatividade da agricultura familiar, que permite o consórcio de atividades agrícolas e pecuárias com o trabalho de um ou mais membros da família em alguma das muitas atividades ligadas à indústria de malharia da região.

Esse trabalho busca traçar um panorama geral das particularidades desses dois municípios, distantes 36 km um do outro, que, a despeito de suas diferenças, usufruem de uma bela paisagem povoada, fruto da significativa presença da agricultura familiar na região; atraente para o turista que vem às compras e para o morador da grande

cidade que busca um refúgio temporário ou permanente no interior mineiro.

Além dessa sessão introdutória e das considerações finais, o trabalho está dividido em quatro outras partes abordando: uma breve caracterização dos dois municípios, a presença da imigração italiana na sua agricultura familiar, o florescimento da indústria de malhas e as tradições representadas pelas festas nos bairros rurais.

2 A SERRA, O OURO E O CAFÉ

Com 534 km², e localizado nas franjas da Serra da Mantiqueira, o município de Ouro Fino é um dos maiores da região, embora o censo demográfico de 2010 tenha registrado uma população de apenas 31.568 habitantes (IBGE, 2020). A história do município é marcada pela descoberta do ouro de aluvião nas margens dos rios Mogi e Sapucaí pelos bandeirantes paulistas que, embora pouco e fino, não deixou de provocar uma acirrada disputa pelo território. A origem do município remonta ao ano de 1746, quando o português Francisco Martins Lustosa ergueu uma capela em homenagem a São Francisco de Paula que, apenas três anos depois, foi promovida à paróquia e freguesia administrativa. Mas em 1846 a freguesia foi anexada ao município de Pouso Alegre, e a independência administrativa só chegaria em 1881 (ROSSI, 1981).

Não há consenso entre os historiadores do município sobre a quantidade de ouro que se encontrava nas águas da região mas, de qualquer forma, o período de extrativismo aurífero teve curta duração. Não o ouro, mas a agropecuária desenvolvida nos bairros rurais, seria a atividade que garantiria a economia da freguesia. Vários dos bairros que aparecem no *Livro de Assentos de batizados, casamentos e óbitos* da paróquia perduram no município até hoje, diferentemente do que acontece em outras regiões onde o

desenvolvimento imobiliário ou a expansão de grandes lavouras terminam por apagar o passado rural.

12 Uma possível explicação para a presença de tantos bairros rurais na região está na própria exploração aurífera, praticada muitas vezes por “faiscadores”, mineradores sem posses ou escravos, que catavam o ouro de aluvião espalhado por uma extensa área, formando pequenos povoados e por ali também iniciando suas explorações agrícolas e criações animais. É importante lembrar que no período que vai do final das sesmarias, em 1822, até a promulgação da Lei da Terras, em 1850, a ocupação era a principal forma de acesso à terra na colônia. As atividades agropecuárias se desenvolveram na primeira metade do século XIX e “Em 1860 a zona rural da Freguesia de São Francisco de Paula de Ouro Fino já se apresentava, mais ou menos povoada, com fazendas de lavoura mista e criação bem montadas” (ROSSI 1981, p.132). As plantações e criadouros do sul do estado de Minas Gerais foram fundamentais para abastecer as regiões auríferas mais prósperas (SILVA, 1978) e também a crescente demanda por alimentos nas cidades do Rio de Janeiro, que expandiu rapidamente com a vinda da corte portuguesa em 1808 e posteriormente São Paulo.

Até hoje existem as trilhas percorridas pelas tropas de muare carregados de mercadorias como banha, toucinho, queijo, carne salgada, tabaco, etc. Grande parte dessas mercadorias vinham de unidades de produção camponesas que produziam tanto para o autoconsumo como para o mercado (PASCOAL, 2007; LENHARO, 1993). Tinha-se, portanto, na região onde hoje se encontram os municípios de Ouro Fino e Monte Sião uma produção agropecuária voltada para o mercado interno, que se desenvolveu paralelamente à mineração e, ao mesmo tempo, acumulou o capital necessário para a futura instalação da cultura cafeeira.

Segundo Romero (2000) e Rossi (1981), o café começou a ganhar expressão em Ouro Fino na segunda metade do século XIX, e o município já constava entre seus maiores produtores a partir de 1885. Para Castilho (2209), a mão-de-obra escrava não era expressiva no município, e sua abolição não trouxe prejuízos consideráveis para a produção de café. Aparentemente as propriedades contavam com uma mão-de obra composta por assalariados, agregados e familiares de diferentes graus de parentesco. O que não impediu o receptivo acolhimento dos braços dos imigrantes italianos, que começaram a chegar no município nos anos 1890. A variedade de atividades produtivas, de pessoas e relações de trabalho garantiam a dinâmica econômica da região e foram responsáveis pela paisagem diversificada que perdura até hoje e muito contribui para a atratividade do município.

Além da lenda, transformada em música, do “Menino da Porteira”, cuja estátua salda o visitante na entrada da cidade, o município de Ouro Fino também é conhecido por ter sido a sede do famoso “Tratado Café com Leite”, assinado em 1913 pelo paulista Cincinato Braga e o mineiro Júlio Bueno Brandão.

13



Figura 1: Entrada de Ouro Fino
Fonte: Google Imagens, 2020

Até 1936 o município de Monte Sião era um distrito do município de Ouro Fino. Com aproximadamente 292 quilômetros quadrados, 21.203 habitantes em 2010 e distante apenas sete quilômetros da divisa do estado de Minas Gerais com o estado de São Paulo, pode-se dizer que ele é hoje “menos mineiro” que sua antiga sede e mantém intensa relação econômica com a vizinha paulista Águas de Lindóia. Monte Sião faz parte do chamado “Circuito das Malhas” e se beneficia do fluxo de turistas do “Circuito das Águas”, do qual as cidades de Lindóia e Águas de Lindóia fazem parte. Foi justamente o turismo das fontes de água da região que impulsionou o surgimento, na década de 1950, do que é hoje a indústria das malhas.

3 A IMIGRAÇÃO ITALIANA E A AGRICULTURA FAMILIAR

Pela Lei 11.326 um produtor, para ser considerado familiar, não deve possuir área superior a 4 módulos fiscais, trabalhar majoritariamente com a mão-de-obra aportada pela família, obter a maior parte da renda da atividade agropecuária e dirigir ele mesmo a propriedade. À esse conceito legal e funcional acrescenta-se a contribuição de autores da sociologia rural, que definem a agricultura familiar como a junção entre trabalho, família e acesso aos meios de produção. Ainda que o termo agricultor familiar tenha adoção relativamente recente no Brasil (SCHNEIDER, 2006), e haja divergência entre os autores em relação ao seu uso, frente ao conceito histórico e mais politizado de camponês, este estudo adota a terminologia de agricultor familiar para o conjunto de atores que se encontram entre uma tradição camponesa passada, mas ainda referencial, e um projeto futuro de maior integração ao mercado (LAMARCHE, 1993). Entre uma situação e outra encontra-se também sua maior ou menor consciência de pertencimento a uma categoria diferenciada dentro do universo da produção agrícola brasileira.

Toda agricultura pode ser pensada como uma construção social (VAR DER PLOEG, 1994), que comporta diferentes arranjos organizativos dependendo dos atores envolvidos; e também como uma relação com a natureza expressa na arte de cultivar os campos. Além de sua importância como a grande produtora dos alimentos que compõe a cesta básica, a agricultura familiar é responsável pela manutenção dos campos povoados, das tradições rurais, de relações de sociabilidade e reciprocidade que forjam ruralidades que se aproximam do ideário de vida no campo. Apesar de compartilhar elementos norteadores com o campesinato de outros países, o agricultor familiar brasileiro guarda características peculiares, por ter sido historicamente preterido em relação à grande propriedade na ocupação do território nacional. Para Wanderley (1999, p.43):

A historiografia é plena de exemplos que nos permitem afirmar que, desde o período colonial, os chamados cultivadores pobres livres sempre buscaram alternativas econômicas que os integrassem positivamente à economia local e regional, tanto o mercado interno de produtos alimentares como o de produtos destinados à exportação, como o fizeram com a produção da mandioca, do tabaco e do algodão (Palácios, 1987). E, até hoje, sempre foi uma orientação comum e natural desses agricultores a busca de produto ou produtos comercializáveis que sejam o carro-chefe do sistema produtivo adotado.

15

Como já visto, desde a sua formação a agricultura familiar do sul de Minas Gerais buscou conciliar os cultivos para a alimentação da família com aqueles de alto valor de mercado, como o tabaco e o café. Aos imigrantes italianos era dada a oportunidade, em muitas das fazendas de café em que trabalhavam, de plantar para comer e plantar para vender nas entrelinhas dos cafezais. A principal cultura de mercado era o tabaco, e o município de Ouro Fino era reconhecido na década de 1940 pelo comércio

tabagista, fortemente dominado pelos imigrantes e descendentes de imigrantes italianos.

Para Biasutti (2003), a imigração italiana para o sul de Minas Gerais iniciou de forma espontânea, atraída pela oferta de trabalho nas fazendas instaladas na divisa dos dois estados, por volta de 1874; ano que marca também o avanço do café na região. Em torno de 450 famílias, principalmente do norte da Itália, instalaram-se no município de Ouro Fino, ao qual Monte Sião então pertencia, entre 1895 e 1913. Alguns já chegaram com algumas posses e rapidamente prosperaram, como no caso de Antônio Ferrari que instalou, em 1920, a primeira máquina de benefício, torrefação e embalagem de café em Ouro Fino. Foi também um italiano, o farmacêutico Mário Zucato, que em 1932 iniciou o movimento de independência do então distrito de Monte Sião, concretizado quatro anos depois.

16

De maneira simplificada, é possível reconhecer duas tendências na origem das atuais propriedades familiares nos municípios de Ouro Fino e Monte Sião. De um lado encontram-se aquelas que são fruto das antigas ocupações passadas de geração para geração, e cujas fronteiras foram se modificando segundo o número de herdeiros ou a compra de novas áreas. De outro estão as parcelas das fazendas desmembradas após a queda do café na década de 1930. É comum se ouvir de moradores antigos dos bairros rurais que esse ou aquele pedaço do horizonte foi um dia uma grande fazenda, que, por falta de um único comprador, foi dividida em vários sítios.

Para muitas famílias italianas a divisão das fazendas de café representou uma oportunidade de adquirir terra própria com os recursos provenientes do cultivo de tabaco. Mas o acúmulo de capital demandava o trabalho árduo mesmo dos membros mais jovens da família, que desde muito cedo aprendiam a segurar as cordas de fumo para os pais, como ainda se lembram algumas matriarcas

e patriarcas de descendência italiana. Esses momentos, em que ocorre uma ligeira redistribuição fundiária em alguma região do Brasil, podem ser considerados como brechas de recampesinização nas condições de fragilidade em que historicamente se reproduziu o campesinato brasileiro, ou seja, oferecem uma oportunidade não só de mudança da propriedade da terra, como também da mudança para um modo camponês de cultivá-la (WANDERLEY, 1999; VAN DER PLOEG, 2008).

A Tabela 1 ilustra a presença da agricultura familiar nos municípios de Ouro Fino e Monte Sião, segundo os dados do censo agropecuário de 2017. Como pode ser observado, nos dois municípios a porcentagem de estabelecimentos familiares fica acima de 80%, superando o valor de 76,82% de estabelecimentos familiares que o censo registrou para o país e os 72,72% registrados para o estado de Minas Gerais. Em porcentagem de área ocupada, os dois municípios também apresentam valores melhores que os 23,03% que o censo apontou para o Brasil e os 26,13% referentes ao estado de Minas Gerais. Ou seja, pelos dados do censo agropecuário de 2017, nos municípios estudados a concentração da terra é menor, o que se deve, em grande parte, pelo processo histórico de formação da agricultura familiar na região e pelo cultivo do café de montanha, que limita as possibilidades de mecanização da colheita.

17

Tabela 1. Número e área do total de estabelecimentos, dos estabelecimentos familiares e dos não familiares nos municípios de Ouro Fino e Monte Sião, segundo o Censo Agropecuário de 2017.

Município	Número de estabelecimentos			Área dos estabelecimentos			
	Total	Familiar	N Familiar	% Familiar	Total	Familiar	N Familiar
Ouro Fino	1.924	1.613	311	83,83	40.447	21.611	18.836
Monte Sião	929	815	114	87,73	23.829	13.827	10.002

Fonte: IBGE Censo Agropecuário, 2017.

Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6754#resultado>. Acesso em 02/07/20

18

O café e a pecuária continuam sendo as principais atividades da agropecuária dos dois municípios. A Tabela 2 apresenta os resultados para essas duas atividades segundo o censo agropecuário de 2017.

Tabela 2: Número de estabelecimentos totais, de produtores familiares, não familiares e médios que produziam café nos municípios de Ouro Fino e Monte Sião, segundo o Censo Agropecuário de 2017

Município	Estabelecimentos com café			Estabelecimentos com pecuária		
	Total	Familiares	Não Familiares	Total	Familiares	Não Familiares
Ouro Fino	1.142	975	167	1.038	866	172
Monte Sião	369	312	57	721	638	83

Fonte: IBGE. Censo Agropecuário, 2017.

Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6956#resultado>. Acesso em 02/07/20

A permanência da agricultura familiar nesses municípios também pode ser explicada pela possibilidade de complementação da renda familiar com o emprego de parte da família em atividades ligadas a indústria de malharia da região. O fenômeno da pluriatividade na agricultura familiar – trabalho de um ou mais membros da família em atividades não agrícolas - foi bem estudado por autores como Sérgio Schneider (2009) e Maria José Carneiro (2006) e não representa, necessariamente, a incapacidade da produção familiar de se auto sustentar. Ele é visto como parte do conjunto de estratégias de que os agricultores familiares lançam mão para garantir sua reprodução.

4 A INDÚSTRIA DE MALHAS E A PLURIATIVIDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR

O município de Monte Sião integra o chamado “Circuito das Malhas” e é considerado a “Capital Nacional do Tricô”. Segundo a Famatur o município produz, por ano, mais de 25 milhões de peças em cerca de 1200 indústrias de pequeno e médio porte, vendidas em todo o território nacional e também exportadas.

19



Figura 1: Propaganda de Monte Sião

Fonte: Famatur, 2020

O comércio do tricô montesionense teve início com as imigrantes italianas produzindo peças artesanais que eram vendidas nas próprias casas. Nos anos 1950, algumas dessas artesãs começaram a vender suas peças na praça pública de Águas de Lindóia, distante apenas 7 km e já uma famosa instância hidromineral que atraía turista de vários locais. Essa venda pública passou a ser exercida também na praça da própria Monte Sião na década de 1960, impulsionada pela pavimentação da rodovia que liga as duas cidades, o que facilitou a vinda dos turistas, e pela inauguração, na cidade mineira, de uma fábrica de porcelana branca e azul, que se tornaria um importante ponto de visitação e compras para o turismo da região.

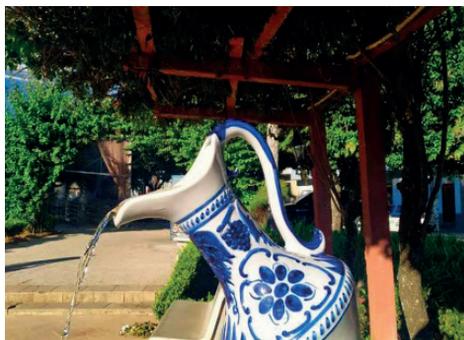


Figura 2: Porcelana de Monte Sião

Fonte: <https://www.montesiao.tur.br/>. Acesso em 03/07/2020

Mas a produção industrial só começou no início dos anos 1970, quando Dona Iracema Andreta Francisco comprou a primeira máquina de tricô (ACIMS, 2020). Hoje a anual Feira Nacional do Tricô (FENAT), atrai cerca de 50 mil visitantes nos seus 15 dias de duração. Na década de 1980 as máquinas manuais começaram a ser substituídas por máquinas elétricas e foi criada a Associação Comercial e Industrial de Monte Sião (ACIMS), responsável pela projeção nacional e internacional da malharia montesionense. Hoje

o parque industrial de malharias está bem consolidado e é o principal tomador de crédito na rede bancária do município.

Pelo que foi possível apurar em conversas informais com dirigentes da ACIMS e moradores de bairros rurais, desde o seu início a confecção de malhas não esteve restrita apenas ao perímetro urbano do município, sendo praticada também nas casas rurais, entre uma e outra tarefa agrícola ou pecuária. Essa atividade pode ser dividida em dois segmentos: a fabricação de peças pequenas, como gorros, luvas e meias, que pelo trabalho e baixo preço pago pelos lojistas não interessam para as indústrias mais estruturadas e o serviço decorrente da terceirização de etapas da produção industrial. De uma maneira geral, o processo de fabricação de uma peça de malha é dividido nas seguintes etapas: tecelagem, passadeira em mesa rolo, separação, corte, costura e acabamento, vapor final em mesa ou ferro a vapor e dobra e embalagem. Essas etapas passaram a ser terceirizadas na década de 1990, o que aumentou muito a oferta de trabalho na cidade e na zona rural. Mas nas primeiras décadas dos anos 2000 essa oferta arrefeceu em consequência do aumento de máquinas elétricas mais sofisticadas, que realizam todas as etapas do processo.

21

A fabricação de pequenas peças representava uma importante complementação da renda dos produtores familiares até o início dos anos 2000, quando passaram a sofrer a concorrência de produtos asiáticos, vendidos por um preço ainda menor. Mas ainda é possível encontrar quem fabrique meias e gorros em máquinas manuais. A autonomia é a principal vantagem desse tipo de atividade e o risco de não vender as peças fabricadas sua maior ameaça. Aos fabricantes rurais de pequenas peças somam-se os que fazem peças maiores, já acabadas, e entregues diretamente para os lojistas e os que produzem apenas o tecido de malha que será depois cortado e transformado numa peça acabada – operação realizada pelas

malharias ou por outros terceirizados. No primeiro caso a autonomia e o risco de perda são maiores e no segundo o trabalho geralmente é feito por encomenda. Já os que não possuem máquina manual ou elétrica podem se dedicar às etapas manuais do processo de fabricação de uma malha, como os arremates e bordados.

Afora essas atividades exercidas na residência, é comum o trabalho, principalmente dos jovens, nas malharias e lojas da cidade. Trabalhar na cidade e continuar morando no campo é uma possibilidade facilitada pelos ônibus que chegam à maioria dos bairros rurais e pela grande quantidade de jovens com motos. A oferta de trabalho nas malharias sobe no primeiro semestre, quando são produzidas as peças de inverno e cai na segunda metade do ano. Nos meses de julho e agosto, quando a colheita do café está no auge e o trabalho nas malharias diminui, é comum a migração de parte dessa mão-de-obra jovem para a colheita do café – seja para ajudar os pais ou para assegurar uma renda extra.

22

No município de Ouro Fino, o trabalho na indústria de malharia como forma de complementação da renda de unidades familiares de produção está menos presente. Mas sua proximidade com o município de Inconfidentes, conhecido pela venda do artesanato de crochê, faz com que essa outra forma de tecer fios represente uma atividade econômica complementar para as mulheres rurais, ainda que menos importante que o tricô. A pluriatividade na agricultura familiar depende do dinamismo econômico da região em que essa agricultura está inserida. É a oferta de outras fontes de renda para a mão-de-obra familiar que vai determinar a maior ou menor atratividade do trabalho fora da propriedade rural. Ela não está dissociada da noção de multifuncionalidade da agricultura, que lhe atribui, além do papel produtivo, também funções sociais, culturais e ambientais. Para Carneiro (2006) a pluriatividade é uma das dimensões dos novos papéis do rural e da própria agricultura, bem

como da novas relações e articulações do campo com a cidade e da agricultura com a sociedade.

5 BAIROS E FESTAS RURAIS

Como já colocado, o tipo de ocupação da região estudada propiciou o surgimento de muitos bairros rurais, a maioria dos quais perdura até hoje. Um bairro rural é um tipo de centro social de uma área composta por propriedades dispersas. Muitos desses bairros se formaram ao redor de uma capela ou igreja, na chamada “terra de santo”, onde era permitido ao fiel construir gratuitamente a sua morada. Os bairros rurais se constituíram principalmente nas regiões onde prevaleceu uma agricultura formada por pequenas e médias propriedades, como no sul de Minas Gerais:

[...] trata-se de uma forma de povoamento muito antiga, que remonta aos primeiros tempos da colonização portuguesa. A configuração do grupo de vizinhança e o gênero de suas relações sociais foram e são, por toda parte, iguais no Brasil, nas zonas em que conseguiram se implantar e se manter, afastadas das grandes monoculturas, cujo gênero de vida era diferente. Queiroz (1973, p.50)

23

Alguns bairros rurais da região aqui retratada são mais dispersos e outros mais concentrados, bem como alguns são mais bem equipados em termos de um pequeno comércio e a oferta de serviços essenciais, e outros pouco mais oferecem além de algumas “vendas” de secos e molhados. Mas todos guardam, como característica comum, o sentimento de pertencimento que seus moradores compartilham, tão bem retratado na obra de Antônio Cândido (1987, p. 64):

[...] além de determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento, o sentimento de localidade existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da formação geográfica, mas também

do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico. - O que é o bairro? – perguntei certa vez a um velho caipira, cuja resposta pronta exprime numa frase o que se vem expondo aqui: - *Bairro é uma naçãozinha*. – Entenda-se: a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras.

24

Só o município de Ouro Fino tem cinquenta e sete bairros rurais e mais dois distritos, espalhados por sua área de 534 quilômetros quadrados. Em mais de vinte desses bairros acontecem, uma vez por ano, uma festa em louvor ao santo padroeiro do bairro ou alguma outra data comemorativa. As mais famosas atraem mais de mil nos finais de semana. É comum ex moradores do bairro, agora habitando centros urbanos como as cidades de Jundiaí/SP, Campinas/SP ou mesmo São Paulo fretarem um ônibus para trazer familiares e amigos para as festas de seu antigo bairro. As festas maiores e mais prestigiadas chegam a durar nove dias, e mesclam as celebrações religiosas com shows e os jogos de bingo, onde são sorteadas as prendas arrecadadas pelo festeiro. Essa alternância entre eventos sagrados e profanos durante as festas de santo foi bem retratado por Brandão (1986, p. 147):

[...] acontecendo de uma só vez, ou repetindo eventos ao longo de vários dias, as festas de santo...produzem uma sequência de situações alternantes entre o religioso e o secular ou, se quisermos, entre o sagrado e o profano. Por sua vez, cada um desses rituais do catolicismo popular conduz os seus participantes regulares entre situações, dentro dele, de iguais alternâncias entre o devocional e o festivo-profano.

Ao mesmo tempo em que as festas de santo são uma celebração da devoção católica, elas são também uma celebração do sentimento de pertencimento ao bairro, para a qual todos os seus habitantes, de qualquer religião, estão convidados. A festa é também uma

oportunidade de exibir a prosperidade do bairro para os seus visitantes. Numa boa festa os de fora, ainda que centenas, são brindados com um potinho de doce na “casa da festa”, local de apoio onde são preparados os assados e demais comidas que são vendidas ou sorteadas.

As festas demandam meses de organização, liderada por um “festeiro”, que geralmente muda a cada ano. Ser o festeiro de uma grande festa de bairro rural é ao mesmo tempo um privilégio e uma grande responsabilidade. Se a festa não for boa e, principalmente, não arrecadar os fundos esperados, a culpa cai toda sobre o festeiro. Os festeiros são escolhidos ou se voluntariam em função de sua ligação com o bairro e sua capacidade administrativa. Alguns assumem o cargo como pagamento de uma promessa. Cabe ao festeiro, ou aos festeiros, no caso da responsabilidade compartilhada, organizar todos os seus detalhes – os shows e demais atrações de seu lado festivo-profano e as missas e procissões do lado sagrado. Outra tarefa de extrema importância e diretamente ligada ao prestígio do festeiro é a arrecadação das prendas que serão sorteadas nos jogos de bingo – principal fonte de renda da festa. Para essa tarefa conta muito o prestígio do festeiro no bairro e fora dele, e esse prestígio está diretamente ligado ao que ele próprio doou para os outros festeiros. Assim, alguém que tenha doado uma leitoa numa festa anterior, espera receber também uma leitoa quando for festeiro. Ser festeiro equivale, portanto, a contrair uma dívida que eventualmente será cobrada. A prenda é uma dádiva, um dom.

25

Nas festas de bairros rurais que ocorrem nos municípios estudados é possível identificar três elementos de solidariedade: a que ocorre entre os habitantes do próprio bairro, que se unem no seu preparativo; a que ocorre entre bairros vizinhos através de empréstimos e ajudas com as celebrações religiosas, que geralmente ocorrem todos os dias de duração da festa, e aquela entre os habitantes do bairro rural e

os moradores da área urbana do município – que se deslocam por quilômetros de estradas de terra para prestigiar a festa, encontrar conhecidos, se divertir com a família e saborear os seus quitutes. Os bairros rurais são um exemplo de sociedade de interconhecimento, onde predominam as relações de parentesco e vizinhança, e elemento central para que a agricultura cumpra suas outras funções – como a manutenção da paisagem, da cultura e das tradições. Mas ele também pode ser um local de inovação, de dinamismo e de atração de novos moradores e novas atividades para o meio rural. Como aponta Wanderley (2000, p.97):

Nas sociedades modernas o desenvolvimento dos espaços rurais dependerá, não apenas do dinamismo do setor agrícola, porém, cada vez mais, da sua capacidade de atrair outras atividades econômicas e outros interesses sociais e de realizar uma profunda “resignificação” de suas próprias funções sociais.

26

A teia de bairros rurais que cobre os municípios de Ouro Fino e Monte Sião, e a grande variedade de situações encontradas nesses espaços, permite identificar realidades distintas e concomitantes que influenciam diretamente a saúde econômica e social do meio rural. Nos bairros mais desenvolvidos existe um rural que cresce em população, inclusive pela vinda de novos moradores, geralmente atraídos pela simpatia e sossego do local, e que é capaz de se reinventar através de novas dinâmicas produtivas e sociais e o oferecimento de serviços como atendimento médico, escola, comércio e fontes de lazer. No outro extremo encontram-se os bairros mais afastados, menos estruturados e em contínuo risco de esvaziamento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em muitos dos municípios de Minas Gerais é possível encontrar situações de prevalência da agricultura familiar e permanência de um meio rural habitado por cultivos, criações e também pessoas.

A própria topografia de boa parte do estado favorece a exploração de pequena monta, pela dificuldade de mecanização. No caso dos municípios de Ouro Fino e Monte Sião, a agricultura familiar hoje encontrada é resultado da forma como historicamente se deu a ocupação do território, da influência camponesa dos imigrantes italianos, das possibilidades que oferece a cultura cafeeira, rentável mesmo em pequena escala, e da facilidade de complementação da renda da família através do trabalho em alguma das esferas da próspera indústria de malharia na região.

Essa combinação de elementos cria um tipo de ruralidade que estreita os laços entre o urbano e o rural, fazendo com que a maioria dos habitantes da cidade mantenha um “pé na roça” e a maioria dos habitantes da “roça” um “pé na cidade”. O constante vai e vem de pessoas e mercadorias entre os bairros rurais e a sede do município é testemunha dessa dinâmica, que só continua pela existência de uma agricultura familiar verdadeiramente multifuncional, porque produz, mantém o campo habitado, cria belas paisagens e atrai para si novos moradores e iniciativas, como a, ainda não mencionada, Associação de produtores Agroecológicos de Ouro Fino (AAOF). Muitos são os rurais encontrados pelo Brasil, e muitos são os tipos de agricultores que neles habitam. No caso específico aqui apresentado, paisagem, sociabilidade, produção e permanência são todas fases de um mesmo processo histórico.

27

REFERÊNCIAS

ACIMS. Associação Comercial e Industrial de Monte Sião Disponível em: <https://www.acims.com.br/>. Acesso em 01/07/20

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo**. Um estudo sobre religião popular. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 7 Edição, 1987.

BIASUTTI, Luiz Carlos; LOSS, Arlindo; LOSS Everaldo H. **Roteiro dos italianos e seus descendentes em Minas Gerais**. Belo Horizonte: S.N., 2003.

CARNEIRO, Maria José. Pluriatividade da agricultura do Brasil: uma reflexão crítica. In: **A Diversidade da Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. **Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada**. Juiz de Fora MG: UFJF, v.4, n.6, jan-jun, 2009.

IBGE Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ouro-fino/panorama>. Acesso em 03/07/20

IBGE Censo Agropecuário, 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6754#resultado>. Acesso em 02/07/20

IBGE. Censo Agropecuário, 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6956#resultado>. Acesso em 02/07/20

28

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **O campesinato Brasileiro**. Ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1973.

LAMARCHE, Hugues (Coord.) **A Agricultura Familiar: Comparação Internacional**. I Uma Realidade Multiforme. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

LENHARO, Alcir, **As Tropas da Moderação** (o abastecimento da Corte na formação política do Brasil – 1808-1842). Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1993.

PASCOAL, Isaías. Economia e trabalho no sul de Minas no século XIX. **Revista Economia e Sociedade**. Campinas: v.16, n.2 (30), agosto 2007.

ROSSI, Pompeu. **História de Ouro Fino**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.

ROMEIRO, José Peres. **O café em Ouro Fino (MG)**. São Paulo: Editora Ceres. 2000.

SILVA, José Graziano(Org.). **Estrutura Agrária e Produção de Subsistência na Agricultura Brasileira.** São Paulo. Huitec,1978.

SCHNEIDER, Sergio. **A Pluriatividade na Agricultura Familiar.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

VAN DER PLOEG, Jan Douwe. LONG, Ann. **Born from Within.** Practice and Perspectives of Endogenous Development. Assen, The Netherlands: Van Gorcum, 1994.

VAN DER PLOEG, Jan Douwe. **Camponeses e Impérios Alimentares.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

WANDERLEY, Maria Nazareth B. A Agricultura Familiar no Brasil: um Espaço em Construção. In **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária.** São Paulo: v. 25, n.2 e 3, maio/dezembro, 1995.

WANDERLEY, Maria Nazareth B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In TADESCO, João Carlos (Org.). **Agricultura familiar:** realidades e perspectivas Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

WANDERLEY, Maria Nazareth B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura.** Rio de Janeiro: CPDA/MAUAD n.15, outubro, 2000.

29

Submetido: Julho de 2020

Publicado: Agosto de 2020